

**REQUIEM FOR A DREAM E A PSICANÁLISE: APROXIMAÇÕES SOBRE DESEJO,
O SUJEITO FALTANTE E O VAZIO**

***REQUIEM FOR A DREAM AND PSYCHOANALYSIS: APPROACHES TO DESIRE,
THE MISSING SUBJECT AND THE EMPTY***

Angelo Luiz Ferro¹
Ana Teresa Carneiro Oliveira²
Felipe da Silva Oliveira³
Jennifer Aline Zanela⁴
Patrícia Barros Alencar⁵
Alex dos Santos Pinto⁶

RESUMO: O filme discutido neste artigo – *Requiem for a dream* (2000), dirigido por Darren Aronofsky – apresenta um enlace existente de diferentes histórias de personagens, seus desejos e idealizações constituídas a partir da narrativa do sujeito diante de ações cotidianas. No decorrer da trajetória de vida, o filme nos apresenta quatro personagens cujo objetivo reside, em diferentes formas, na busca pela realização pessoal diante da tentativa de alcançar a pretensa felicidade, em detrimento das consequências. Essa análise só se fez possível porque recorremos a base epistemológica da psicanálise, o qual perpassa conceitos cruciais para a mesma, bem como a sua metapsicologia, em especial à segunda teoria pulsional que aborda o dualismo pulsão de vida e pulsão de morte. Nessas premissas, este artigo conclama o convite para como a análise psicanalítica desse processo pode desdobrar-se enquanto um caminho possível para a compreensão da vida humana, da constituição da subjetividade e na busca por entender a complexidade desta subjetividade humana em relação a elementos como o objeto desejante – de acordo com os princípios da psicanálise lacaniana -, a busca pela felicidade e autorrealização, em contraposição à autodestruição, ao aumento do desprazer e a impossibilidade de acesso à felicidade enquanto conceito absoluto.

¹ Doutorando em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro -PUC – Rio. Mestre e Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Docente do curso de psicologia do Centro Universitário Antônio Eufrásio de Toledo de Presidente Prudente. Coordenador do Grupo de Estudo em Psicanálise e Subjetividade (Gepsi). E-mail: angelolfoferro@gmail.com

² Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: anateresacaroli@gmail.com

³ Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: felipelipe67@hotmail.com

⁴ Doutora em Educação pela Universidade Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: jezanela@gmail.com

⁵ Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: contatopbalencar@gmail.com

⁶ Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Psicólogo clínico e professor universitário. E-mail: alexdosantos@gmail.com

Palavras-chave: Subjetividade; Teoria pulsional; Sujeito faltante.

ABSTRACT: The film discussed in this article - *Requiem for a dream* (2000), directed by Darren Aronofsky -- presents an existing enlargement of different characters, their desires and idealizations constituted from the subject's narrative in front of everyday actions. In the course of life trajectory, the film presents us four characters whose goal lies in different ways, in search for personal accomplishment before the attempt to achieve the intention of achieving happiness, in detriment of the consequences. This analysis only made possible because we resort to the epistemological basis of psychoanalysis, which perpasses crucial concepts to the same, as well as its metapsychology, especially the second pulsional theory that approaches the dualism of life pulsion and death pulsion. In these premises, this article concludes the invitation to how the psychoanalytic analysis of this process can unfold itself while a possible path to understand human life, of the constitution of subjectivity and in the pursuit of this human subjectivity in relation to the complexity of this human subjectiveness as the desiring object – according to the principles of lacanalsis - the pursuit of happiness and self-destruction as an absolute conceptivity.

Keywords: Subjectivity; Pulsional Theory; Missing subject.

1. Introdução

Requiem for a dream (*Réquiem para um sonho*) é um filme norte-americano lançado em 2000 sob direção de Darren Aronofsky. O filme apresenta o enlace existente de diferentes histórias, desejos e idealizações constituídas a partir da narrativa do sujeito diante de ações cotidianas. No decorrer da trajetória de vida, o filme nos apresenta quatro personagens cujo objetivo reside, em diferentes formas, na busca pela realização pessoal diante da tentativa de alcançar a felicidade. Uma primeira personagem é Sara Goldfarb, cuja interpretação é da atriz Ellen Burstyn, uma senhora com aproximadamente sessenta anos que vive em uma casa sozinha, tendo contato social apenas com o seu filho, Harry, interpretado pelo ator Jared Leto, que faz uso de substâncias psicoativas e vizinhas de uma idade semelhante a sua, no qual, a atividade de maior contato reside no encontro em frente ao edifício para tomar sol, bem como conversar sobre questões gerais. Além de Harry, o filme também apresenta dois personagens relacionados a ele, sua namorada Marion Silver, cuja atriz a dar vida para este personagem é a Jennifer Connelly, que também faz uso de substâncias e encontra-se recorrentemente no dilema da relação entre a sua sexualidade e tornar-se objeto de outros homens a fim de adquirir condições financeiras para o acesso às drogas. Por último, o filme nos apresenta Tyrone Love,

o ator que interpreta o personagem é Marlon Wayans, amigo de Harry e densamente marcado por uma infância na periferia e pela ausência de sua mãe.

Diante das diversas situações enfrentadas, o uso abusivo de drogas apresenta a vida pautada pela dependência, pelo vício e pela busca de uma felicidade idealizada, inacessível, no qual o diretor Darren Aronofsky, de forma brilhante, apresenta os limites dessa busca a partir das vicissitudes da vida humana marcada por dualidades, rupturas e processos autodestrutivos. Nessas premissas, o convite para análise psicanalítica desse processo pode desdobrar-se enquanto um caminho possível para a compreensão da vida humana, da subjetividade e na busca por entender a complexidade humana em relação a elementos como o objeto desejante – de acordo com os princípios da psicanálise lacaniana -, a busca pela felicidade e autorrealização, em contraposição à autodestruição, ao aumento do desprazer e a impossibilidade de acesso à felicidade enquanto conceito de um estado absoluto.

2. A Sobredeterminação do Inconsciente e as Implicações na Vida Humana

O autor e psicanalista Garcia-Roza (2008; 2009), nos referidos livros, aponta que o inconsciente é um conceito central para a teoria psicanalítica. Nesse panorama, Freud elaborou, em diferentes textos de sua obra, a definição de um sistema para dar conta do que é o substrato inconsciente. Em contrapartida, a ideia de inconsciente não está associada àquilo que não é consciente, de negação ou antônimo, ou seja:

A psicanálise não é uma psicologia das profundezas, na medida em que o ‘profunda’ aponte para uma espécie de subsolo da mente até então desconhecido e que ela se proponha a explorar. O inconsciente não é aquilo que se encontra ‘abaixo’ da consciência. (Garcia-Roza, 2009 p. 170; Grifos do autor).

Complementa-se, a partir dos estudos de Roudinesco e Plon (1998), que Freud defende a ideia de um inconsciente que é, ao mesmo tempo, interno ao sujeito e à sua consciência, bem como externo e segmentado de qualquer sobre determinação do pensamento consciente.

Faz-se importante recorrer ao texto metapsicológico *O Inconsciente (1915)*, o qual Freud apresentou uma íntima relação entre recalque e inconsciente, formulando, todavia, uma primeira definição. Apesar de afirmar que tudo aquilo que é recalçado e reprimido deve

permanecer inconsciente, Freud apresenta que o conteúdo recalçado não representa a totalidade do inconsciente. Isto é, “o alcance do inconsciente é mais amplo: o reprimido não é apenas uma parte do inconsciente” (Freud, 1915/1980, p. 191). Para compreender a necessidade e a legitimação desse conceito no interior da teoria psicanalítica, Freud (1915/1980) nos fornece uma lógica argumentativa em relação ao entendimento dessa estrutura. Em relação à sua origem, o autor apresenta que:

Como devemos chegar a um conhecimento do inconsciente? Certamente, só o conhecemos como algo consciente, depois que ele sofreu transformação ou tradução para algo consciente. A cada dia, o trabalho psicanalítico nos mostra que esse tipo de tradução é possível. A fim de que isso aconteça, a pessoa sob análise deve superar certas resistências – resistências como aquelas que, anteriormente, transformaram o material em questão em algo reprimido, rejeitando-o do consciente. (Freud, 1915/1980, p. 98)

Dessa forma, o autor supracitado reafirma um lugar na psicanálise para além da consciência, no qual o papel do inconsciente, bem como daquilo que é consciente, se manifesta em sua teoria enquanto algo distinto do que das demais correntes da Psicologia. Na defesa de um ser humano dividido, acometido de possibilidades de existência e subjetividade marcadas por lacunas, o inconsciente se estabelece enquanto uma condição de determinação da vida humana (Garcia-Roza, 2009).

Assim,

O termo ‘inconsciente’, quando empregado antes de Freud, o era de uma forma puramente adjetiva para designar aquilo que não era consciente, mas jamais para designar um sistema psíquico distinto dos demais e dotado de atividade própria. (Garcia-Roza, 2009, p. 169-170).

Na compreensão sobre um sistema psíquico e na influência de um estado inconsciente sobre a consciência (Freud, 1970) em determinados momentos, é possível identificar a tentativa de manifestação do inconsciente na consciência. Ou seja, de acordo com Freud (1970), em algumas ocasiões, manifesta-se algo na consciência cuja origem não está nesse sistema, mas em outro campo: o *inconsciente*. Desta feita, a análise seria o local que permite ao sujeito ter contato com o processo explicativo de si mesmo, na busca pelo reconhecimento de uma lógica e de uma racionalidade distinta da consciência, mas que constitui-se também na expressão da

subjetividade do sujeito. Este busca compreender sobre si, como também visa sair do lugar de alienação ao desejo do outro, esforçando-se a desejar por si mesmo, a fim de subverter a lógica proposta por Jacques Lacan (1964) do “me diz isso, mas o que é que ele quer?” (p. 209), para enfim questionar-se sobre seu desejo e qual desejo é esse que habita o sujeito.

Freud (1915/1980) então aponta:

Ela [a suposição do inconsciente] é necessária porque os dados da consciência apresentam um número muito grande de lacunas; tanto nas pessoas sadias como nas doentes ocorrem com frequência atos psíquicos que só podem ser explicados pela pressuposição de outros atos, para os quais, não obstante, a consciência não oferece qualquer prova. Estes não só incluem parapraxias e sonhos em pessoas sadias, mas também tudo aquilo que é descrito como um sintoma psíquico ou uma obsessão nas doentes; nossa experiência diária mais pessoal nos tem familiarizado com ideias que assomam à nossa mente vindas não sabemos de onde, e com conclusões intelectuais que alcançamos não sabemos como. Todos esses atos conscientes permanecerão desligados e ininteligíveis, se insistirmos em sustentar que todo ato mental que ocorre conosco, necessariamente deve também ser experimentado por nós através da consciência; por outro lado, esses atos se enquadrarão numa ligação demonstrável, se interpolarmos entre eles os atos inconscientes sobre os quais estamos conjecturando. (p. 99).

O autor chama atenção de que o princípio explicativo, que esgota o indivíduo pela consciência, não é capaz de abarcar a totalidade de si, justamente porque a consciência é somente uma parcela, repleta de hiatos e sobre determinações que não são explicadas através da lógica racional da consciência que se limita na explicação da ação do indivíduo e de suas experiências. Dessa forma, Freud apresenta que há elementos que *escapam* à consciência e, desse modo, ao “[...] adotar a posição segundo a qual o fato de exigir que tudo quanto acontece na mente deve também ser conhecido pela consciência, significa fazer uma reivindicação insustentável” (Freud, 1915/1980, p. 99).

Para dialogar com o filme discutido, tomamos como referência as histórias que nos são apresentadas. De antemão, mostra-se a aparência das relações retratadas no filme e que são constituídas de maneira tumultuadas, Sara Goldfarb - a mãe -, por exemplo, sente medo de seu filho - Harry -, e isso decorre pois ele faz uso de substâncias psicoativas e se apropria de objetos de sua casa para vender a fim de fazer a manutenção do vício. Posteriormente, com o desenvolvimento da trama, ela sente necessidade de encontrar uma maneira objetiva de atender a imagem idealizada que faz dele. Esse aspecto não é constituído inteiramente pela consciência,

ou seja, a expectativa constituída na relação através de um aspecto visceral na ambivalência entre amor-ódio necessita de uma análise mais aprofundada, buscando recursos de processos inconscientes que possibilita a manutenção desse tipo de função nesta relação. Essa questão é apresentada no filme, principalmente porque esse nos leva, no decorrer da narrativa, a visualizar um *outro* que se estabelece em todos os personagens. Por exemplo, no início do filme a mãe que está tão aflita com a decepção que sente do filho em vender a sua televisão, que justifica essa ação dizendo que independente do que ele faça, ele é seu filho.

Retrata-se um sujeito que está com o seu desejo voltado quase exclusivamente às ações do filho. Posteriormente a uma ligação e correspondência que recebe, convidando-a para participar de um programa de auditório, vemos a mesma personagem substituir – deslocar - o desejo associado a existência do outro – seu filho - em algum sentido, através da busca de sua autorrealização: emagrecer, usar novamente o vestido vermelho e participar do programa de televisão. Para emagrecer de maneira mais rápida, busca auxílio médico, que por sua vez, receita a ela comprimidos; a personagem quer usar o vestido vermelho para voltar a uma época em que o filho atendia, de uma maneira ou de outras, suas expectativas; outro ponto merece ser destacado: tentar fazer de sua família um protótipo de perfeição em que, em seu imaginário, seu falecido esposo pudesse se orgulhar. O que, aparentemente, seria uma vida pacata marcada por uma mesmice, dá lugar à complexidade da narrativa, do diálogo imaginário de Sara consigo mesma, com seu falecido esposo, como também, sendo assombrada pela geladeira que traz dor e sofrimento ao buscar sua autorrealização.

No sentido da impossibilidade da consciência comportar totalmente o nosso *eu*, Freud (1915/1980) postula que o conteúdo que existe na consciência é, na verdade, algo muito pequeno e que tem um período de tempo específico, todavia, lembranças e latências permanecem em outro sistema e isso reaparece, por exemplo, nas construções de representações e cadeias associativas que não alcançam, em sua totalidade, à consciência, mas sim apenas por parcelas que podem ser manifestas em sonhos, sintomas, chistes e atos falhos. Nesses aspectos citados, Garcia-Roza (2009) assevera que “neles, o sujeito sente-se como que atropelado por um outro sujeito que ele desconhece, mas que se impõe a sua fala produzindo trocas de nomes e esquecimentos cujo sentido lhe escapa” (p. 171). Na existência do *eu* há, por conseguinte, um *outro* que nos habita e nos constitui.

A suposição de um inconsciente é, além disso, uma suposição perfeitamente legítima, visto que ao postulá-la não nos estamos afastando um só passo de nosso habitual e geralmente aceito modo de pensar. A consciência torna cada um de nós cômico apenas de seus próprios estados mentais; que também outras pessoas possuam uma consciência é uma dedução que inferimos por analogia de suas declarações e ações observáveis, a fim de que sua conduta fique inteligível para nós. (Freud, 1915/1980, p. 100).

Recorre-se, para ilustrar melhor o excerto acima, a famosa frase de Freud (1917/1996) “o eu não é mais senhor em sua própria morada” (p. 153).

Desta feita, o inconsciente, ao contrário do que aparenta ser no senso comum, não é algo caótico, desorganizado, mas “a sintaxe do Inconsciente não é a mesma do sistema pré-consciente-consciente, mas isso não significa que ele não possua sintaxe nenhuma” (Garcia-Roza, 2009, p. 171). Admitindo, à vista disso, a existência de outro em mim que funciona em uma lógica distinta, a ação do sujeito e a constituição de sua própria subjetividade é um fenômeno demarcado por contrariedades, cisões e contradições. Esse aspecto do incompreensível, do não conhecido e do irreconhecível pode trazer, eventualmente, sofrimento para o indivíduo. Metodologicamente, Freud fornece os elementos de escuta vinculados à possibilidade de acesso a elementos inconscientes que possibilitem ao indivíduo a identificação de uma narrativa mais fidedigna de si mesmo.

Ou seja, esclarece Garcia-Roza (2009):

Assim, quando Freud estabelece como regra fundamental da situação analítica a associação livre, ele não pretende que o “livre” signifique ausência de determinação. Pelo contrário, o valor metodológico da associação livre reside exatamente no fato de que ela nunca é livre. É na medida em que o paciente fica livre do controle consciente (dentro dos limites possíveis), não permitindo que a coerência lógica se imponha ao seu relato, que uma outra determinação se torna acessível: a do inconsciente. A associação livre não tem por objetivo substituir o determinado pelo indeterminado, mas substituir uma determinação por outra. O inconsciente possui, portanto, uma ordem, uma sintaxe; ele é estruturado e, segundo nos diz Lacan, estruturado como uma linguagem. (p. 171).

Nesse processo, a psicanálise pode ser o caminho e procedimento que permite a “[...] inferência a nós mesmos” (Freud, 1915/1980, p. 101). Identificar as representações que fizemos ao longo de nossas experiências e ligações subjetivas pode ser o caminho de reconhecer o outro que existe em mim, que amenize o sofrimento estabelecido em mim, que pode levar à perda de

liberdade, e torne aquilo que antes era irreconhecível, articulado a uma narrativa possível de ser estruturada pela linguagem e ressignificada no psiquismo.

Esse processo não é linear, Freud (1915/1980) aponta a existência de resistências que impedem um conhecimento real e total do sistema inconsciente, o que não altera a necessidade de interpreta-lo e reconhecer os eventos mentais articuladores, mesmo àqueles que existem em nós. Assim:

[...] devemos levar em conta o fato de que a investigação analítica revela alguns desses processos latentes como possuidores de características e peculiaridades que parecem estranhas a nós, ou mesmo incríveis, e que vão diretamente de encontro aos atributos da consciência que nos são familiares. Assim, temos motivos para modificar nossa inferência a respeito de nós mesmos e dizer que o que está provado não é a existência de uma segunda consciência em nós, mas a existência de atos psíquicos que carecem de consciência. (Freud, 1915/1980, p. 101-102)

O que interessa na escuta do analista em análise não é aquilo que está no campo da sua consciência (razão) por si só, mas sim, a busca por identificar na associação livre elementos que levem o sujeito a conhecer o que antes era desconhecido e, mais que o simples conhecer, que consiga dar sentido às narrativas que emergem na consciência, seja capaz de recordar em análise, repetir para, finalmente, elaborar, segundo os pressupostos de Freud (1914/1996), e que são constituídas em outro sistema e funcionamento psíquico. Nesse sentido, Freud (1915/1980) atenta-se a um olhar do sujeito enquanto um ser cindido que apresenta elementos na superfície que não podem ser compreendidos através daquilo que está aparente. Isto é, aquilo que aparentamos ser não é necessariamente aquilo que somos, e aquilo que somos aponta necessariamente para algo que desconhecemos em nós mesmos, mas o desconhecido em nós reverbera em nossas ações uma singularidade, uma subjetividade que, por mais que seja constituída através do outro e da cultura, diz algo exclusivamente nosso.

2.1 A Força exercida pelas Pulsões

A compreensão do conceito de pulsão que *vibra* na teoria freudiana configura-se como central para o entendimento do arcabouço teórico da psicanálise. A pulsão tem origem no inconsciente e é uma carga energética que envolve tanto o aparelho psíquico quanto o

funcionamento somático do organismo. Pode-se dizer, então, que a pulsão é o representante psíquico das excitações provenientes do corpo; é meio física, meio psíquica e só é conhecida – mesmo no inconsciente – através de seus representantes: a ideia e o afeto.

Freud (1915), no primeiro momento sugere também uma relação dual entre as pulsões, as pulsões de autoconservação e as pulsões sexuais, que respectivamente são aquelas que buscarão a manutenção da vida na sua forma mais elementar e primitiva (fome, sede, instinto sexual) e aquelas que irão buscar satisfazer o desejo e obter prazer (sexo, sucção do seio da mãe após a fome ser saciada).

Talvez, em razão dessa definição, o termo alemão *Trieb* – o próprio Freud utilizou para designar pulsão – tenha sido traduzido para o português como “instinto” (Tavares, 2013). Sem adentrar no debate teórico e epistemológico sobre as divergências dessa posição, gostaríamos de destacar a importância desse conceito que se refere a uma força presente em cada sujeito de forma *constante* e não apenas momentânea ou pontual. A pulsão, diferentemente do instinto, não possui objeto fixo, muito pelo contrário, ele é altamente variável. Essa *carga energética* pode ser melhor entendida através de quatro componentes: a *pressão*, que pode ser considerado o mais próximo da essência da pulsão e age como o motor da atividade psíquica; a *fonte*, que se localiza no corpo e é o processo somático que resulta numa excitação, representada também no psiquismo; o *alvo* ou objetivo que é a satisfação e pressupõe a descarga da tensão; e o *objeto* que é o meio da pulsão atingir seu alvo.

Em *Além do princípio de prazer* (1920/1996), Freud leva adiante sua reflexão metapsicológica sobre o processo de regulação da vida anímica e elabora o segundo dualismo pulsional. Até então, as pulsões existentes estavam ordenadas sob o domínio do princípio de prazer. Contrapondo-se a textos anteriores, a discussão centra-se para além do binômio prazer e desprazer. Esta obra, considerada como uma das mais complexas do autor austríaco, introduz mais sistematicamente os conceitos de pulsão de morte e pulsão de vida, que coexistem no organismo e regulam o aparelho anímico, elas são compreendidas como antagonistas complementares, ou seja, uma não existe sem a outra.

A pulsão de vida é a força oposta e cuja finalidade é a atuação como reguladora do caminho para a morte, para que o organismo possa morrer à sua maneira, e motor de desejo. Neste contexto, tanto as pulsões sexuais quanto as de autoconservação são conservadoras da vida, destarte, são pulsões de vida. No entanto, a pulsão de vida na sua forma de pulsão de

autoconservação simplesmente normaliza o caminho para morte, sem se opor a esta; a pulsão de vida em sua forma sexual, perpetua a espécie e se opõe à morte. É o dualismo o qual Freud (1920/1996) nomeou de Eros e Thanatos.

A pulsão de morte, por sua vez, seria uma força pulsional que elucida certos elementos cotidianos e fatídicos da nossa existência, é uma força disruptiva. Essa pressão exercida mobiliza no aparelho psíquico intensidades de energia dissociadas de qualquer conteúdo representacional que seja fonte e expressão de prazer. Ou seja, a pulsão de morte parece explicar, dentre outras coisas, a compulsão à repetição constante de certas experiências de sofrimento, de culpa e de agressividade que sentimos recorrentemente. A compulsão a repetição, configura-se como a repetição involuntária de fenômenos que são desagradáveis ao *eu*, Freud, ao ver seu neto brincando de “*Fort/da*” após a saída da sua mãe, *fort* em alemão significa (ir embora) e *da* (voltar) então a brincadeira seria uma maneira da criança reviver esse momento desagradável afim de conseguir tanto entender e se acostumar com a situação quanto de ter um certo controle do que estava acontecendo, fazendo com que a pulsão de morte que gerava certo desconforto se tornasse prazerosa, sendo de certo modo um “prazer no desprazer”

Para compreender ainda mais a atuação da pulsão de morte, Freud (1920/1996) utiliza análises empíricas e teorias da biologia que atestam, por exemplo, que toda célula, inevitavelmente, caminha para a morte. Nesses termos, o *modus operandi* que pressiona o aparelho psíquico à morte – sua autodestruição – não é algo singular do indivíduo humano, mas comum a toda vida orgânica existente. Ou seja, a pulsão de morte motiva que o organismo retorne ao seu estado originário, ao inorgânico.

Esse processo ocorre por meio de uma pressão exercida pela pulsão de morte, que não tem como objetivo o prazer ou a satisfação, mas a auto aniquilação. Em consequência dessa pressão, o organismo busca pela morte, mas não qualquer morte, não uma morte a qualquer custo: uma morte interna, natural. O que explica, aliás, a atuação da pulsão de vida no indivíduo, que deseja a preservação do organismo apenas porque almeja que a morte aconteça de maneira natural, utilizando-se sempre, quando é possível, esse adiamento com a morte e por razões internas (Freud, 1920/1996). A vida é um serviçal da morte, dirá Freud.

Dessa forma, a existência da pulsão de morte se manifesta instaurando uma tensão com a pulsão de vida. O lugar da pulsão de morte no homem é então, essencialmente, um lugar de tensão. Diante dessa concepção teleológica do ser orgânico, nos questionamos sobre o

significado da vida. Como aceitar que a vida é simplesmente um meio para a morte? Que a morte é inevitável, todos sabemos, mas somos por isso condenados a viver em busca dela?

Nessa perspectiva, o sentido da vida, quando analisado sob a ótica da pulsão de morte, parece-nos encaminhar para um ciclo de repetição de uma história fatalista que apenas traz dor e sofrimento, compulsivamente. O próprio Freud (1920/1996) reconhece que essa ideia traria grande resistência e que também poderia ser considerada controversa, pois, “nos habituamos a ver na pulsão o fator que pressiona para a mudança e o desenvolvimento, e agora temos de reconhecer nela justamente o contrário, a expressão da natureza conservadora do ser vivo” (Freud, 1920/1996, p. 131).

A discussão proposta por Freud (1930/2016) em *O Mal-Estar na Civilização* por Freud (1930/2016), ainda se mostra relevante e atual. Com a preocupação de identificar preocupações da humanidade sobre os males que a afligem, bem como a ideia de civilização e de sintomas contemporâneos, o autor propõe um olhar psicanalítico às questões da sociedade, pontuando que na construção do *eu*, há um mundo exterior que produz, inevitavelmente, sensações de dor e de desprazer, no qual “[...] o princípio do prazer busca eliminar e evitar. Surge a tendência a isolar do Eu tudo o que pode se tornar fonte de tal desprazer” (Freud, 1930/2016, p. 12-13). Dessa forma, há uma evidente distinção entre *mundo externo* e *mundo interno*, todavia, Freud (1930/2016) apresenta que os mecanismos de defesa do *eu* entre o desprazer externo e interno de forma semelhante, no qual nota-se uma preocupação em discutir uma forma de aplicabilidade à pulsão de morte nas exigências sociais e culturais.

Freud (1930/2016) pontua que estaríamos submetidos teleologicamente à agressividade pela influência da pulsão de morte. Nessa reflexão, a civilização impõe um controle sobre a ação do homem, tal ponto que o homem primitivo apresentava condições de externalização de suas forças pulsionais, enquanto o homem civilizado tem restrições às pulsões, e, portanto, “o homem civilizado trocou um tanto de felicidade por um tanto de segurança” (Freud, 1930/2016, p. 52). Tornando possível apenas aproximar a agressividade e pulsão de morte no âmago da civilização, no qual, a pulsão de morte seria uma forma de unidade entre destruição e complexificação advinda do domínio cultural sobre a natureza, que além de ser fundamental para a existência da humanidade, lhe é essencial, como uma implicação ao desenvolvimento. Dito de outra forma, não há como alcançarmos a felicidade de maneira perene. A felicidade, do ponto de vista inextinguível, seria uma idealização inatingível proposta pela civilização e suas

instituições. A questão, portanto, não está em enriquecer através da comercialização de drogas e poder fazer o uso diário da substância, ou ser capaz de vestir uma roupa e apresentar-se na televisão, tampouco encontrar-se no carinho da mãe; de acordo com os ditames propostos pela sociedade, a busca pela felicidade absoluta nos leva para um lugar oposto ao que fantasiamos, ou seja, o desdobramento desta busca conflui, antes, com a autodestruição.

Nessa circunstância, Freud (1930/2016) apresenta uma distinção considerável entre os homens e demais seres orgânicos, sobretudo ao afirmar que “em outras espécies animais pode-se ter chegado a um equilíbrio momentâneo entre as influências do meio e os instintos que nelas lutam entre si, e desse modo há uma parada no desenvolvimento” (Freud, 1930/2016, p. 58). Ao trazer para a discussão a ideia de cultura enquanto curso de desenvolvimento, Freud (1930/2016) apresenta que os seres humanos estariam, enquanto consequência desse processo de humanização, entre uma disputa de amor e busca pela morte, uma luta entre Eros e Thanatos, sendo essa uma questão decisiva para a espécie humana. Verifica-se, a partir da leitura de Freud (1930/2016) que aparece uma singularidade defendida na humanidade e no desenvolvimento da civilização não propriamente no ponto de vista da pulsão de morte, mas na forma que metodologicamente a pulsão pode manifestar-se na construção da civilização. De tal forma que, ao longo do desenvolvimento da civilização, que aparentemente é constituído enquanto forma de progresso social e moral, há a existência da pulsão de morte enquanto essência comum, que também reverbera no homem e na civilização, mesmo com todos os processos repressivos que a sociedade propõe.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Movimentos compulsivos atravessam toda a trama, sendo evidenciados na vida dos quatro personagens. Um exemplo poderia ser a Sra. Sara Goldfarb e seu vício por assistir a programas de auditório televisivos. Outro seria a drogadição ilícita dos outros personagens. Existe um conjunto de cenas rápidas que aludem à repetição, tais como os flashes sequenciais de drogas, pílulas, dinheiro e pupila sendo dilatada (essas são permeadas pela música tema do filme *Lux Aeterna*, nos faz entrar no clímax, ou melhor, no anticlímax proposto pelo filme).

No ano de 2000 (há vinte e um anos) *Réquiem for a dream* estreou nos cinemas, entretanto, consideramos que as questões por ele levantadas permanecem extremamente atuais.

Na contemporaneidade, as mídias, com destaque para as sociais, veiculam discursos universalizantes e generalistas acerca dos ideais de felicidade/completude. A personagem Marion, quando diz que o que ela quer os pais não podem oferecer, já nos aponta que o desejo não pode ser satisfeito em sua plenitude e que, por ser deslizando, estamos sempre à procura de outra coisa que, em nossa fantasia, dê conta de tamponar nossa falta constituinte. Ressalta-se que o sujeito, para a psicanálise, persegue uma fantasia e é perseguido por um fantasma.

A psicanálise, por sua vez, coloca em circulação discursos que enfatizam a incompletude humana, a falta estrutural e a brevidade da vida, noticiando o encontro com os limites. Mas, as limitações aqui não se referem a um fechamento, e sim dizem respeito à abertura, uma possibilidade, um vir-a-ser. Notamos que os personagens do longa tentam preencher a mencionada falta estrutural por meio de excessos que resultam em cenas muito pesadas e, por vezes, podem nos faltar palavras para expressar o sentimento despertado por elas.

Podemos compreender a partir da personagem Sara Goldfarb, estruturada psiquicamente como uma psicótica, deflagra delírios e alucinações, dentre os quais, o convite para participar de um programa de televisão piora muito a situação. Convite este, a partir do qual a vida de Sara passa a gravitar. Delírios e alucinações não estão dissociados do sintoma do sujeito e, no caso dessa personagem, eles mostram a sua busca por reconhecimento e pelo amor do outro. Nas palavras de Sara: “sou alguém agora, Harry. Todo mundo gosta de mim. Breve milhões de pessoas vão me ver e gostar de mim. Contarei a eles sobre você e seu pai.”

No caso dos demais personagens, Harry, Marion e Ty, podemos exemplificar a tentativa de tamponamento da falta estrutural pelo uso de heroína e pelos desdobramentos que esta causa. Harry injeta mais uma seringa com droga na região do braço onde já está necrosado. Marion, abstinente de heroína, utiliza a prostituição como meio a fim de conseguir a substância. Ty diz: “tudo o que eu quero é um pouco de paz e felicidade”. Assim como Harry, Ty busca alcançar esse ideal por meio do tráfico de drogas, e acaba apanhando da polícia e preso.

Além disso, essa composição cinematográfica apresenta cenas que podem ser consideradas como disparadoras de angústia e que nos remetem à ausência de sentido. Como trabalhado neste texto e presente no filme, a pulsão de morte, em sua face mortífera, pode levar à autodestruição, ao retorno do organismo a um estado anterior. Isso pode ser ilustrado nas cenas finais, nas quais os quatro personagens posicionam-se como fetos, como se fosse uma tentativa de retornar ao útero materno.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar. *In*: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1914/1996, p. 161-171.

FREUD, Sigmund. **O Inconsciente**. Volume XIV (1915), Rio de Janeiro: Editora Imago, 1980.

FREUD, Sigmund. Os instintos e suas vicissitudes. *In*: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XIV. p. 117-144. Rio de Janeiro: Imago, 1915/1996.

FREUD, Sigmund. Uma dificuldade no caminho da psicanálise. *In*: FREUD, Sigmund. **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XVII. p. 145-153. Rio de Janeiro: Imago, 1917/1996.

FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1920/1996.

FREUD, Sigmund. O Mal-Estar na Civilização. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas Volume 18: O Mal-Estar na Civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. 23 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Introdução à Metapsicologia Freudiana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. **Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

TAVARES, Pedro Heliodoro. Sobre a tradução do vocábulo *Trieb*. *In*: FREUD, Sigmund. **As pulsões e seus destinos**. Edição bilíngue. São Paulo: Autêntica, 2013, pp. 73-90.